

OLIVEIRA, LUCIANA MARIA RIBEIRO DE; TELLA, MARCO AURÉLIO PAZ (ORG).
ETNOGRAFIAS URBANAS: ESPAÇO, IMAGEM E DIFERENÇA NA CIDADE. JOÃO
PESSOA: GUETU, 2017.

CLARICE MAIA F. DE AMORIM¹

RESUMO

Palavras e percepções sobre inserção em campo, violências e apropriação de espaços, aparecem em quase todo o *Etnografias Urbanas – espaço, imagem e diferença na cidade*, organizado por Luciana Maria Ribeiro de Oliveira e Marco Aurélio Paz Tella, mas que envolve um total de 23 pesquisadoras e pesquisadores. Trata-se do primeiro livro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnografias Urbanas, originário da Universidade Federal da Paraíba, mas que, segundo os organizadores, se expande à Universidade Federal de Campina Grande. O grupo se apresenta em três linhas: Manifestações Urbanas e Audiovisual; Marcadores Sociais da Diferença; e Apropriações e Interações em Espaços Públicos. As três definem também a disposição dos manuscritos na publicação que é, sem dúvida, um convite aos pesquisadores e etnógrafos das ciencias sociais à produção. Produção sem medo de erros e apontamentos teóricos metodológicos, mas com indicação de crescimento e abertura às novas possibilidades criativas. Os textos apontam a necessidade de continuidade e aprofundamento em termos de interpretações específicas. Os trabalhos perpassam aspectos de interações e relações em seis cidades, sendo cinco na Paraíba - João Pessoa, Mamanguape, Itapororoca, Campina Grande, Cabedelo; e uma em Pernambuco, Recife.

CAMINHADAS ETNOGRÁFICAS

Os dois primeiros trabalhos pertencem à linha Manifestações Urbanas e Audiovisual, são eles: *Usos do Espaço e Sociabilidades no Ponto de Cem Réis: uma etnografia visual em construção e Praça 13 de Maio: do Cine Eldorado aos dias atuais*. Os trabalhos indicam que um dos grandes desafios na produção fílmica ou imagética seja a de relacioná-la com a escrita, especialmente em manuscritos no formato de artigo. A etnografia como uma descrição do tempo atual com o objetivo “de descrever as vidas das pessoas” quando se considera que a prática, a partir dos chamados encontros etnográficos, utilizados na descrição dos dois trabalhos, “é, antes, um julgamento lançado sobre esses encontros que transforma retrospectivamente o aprendizado, a memorização e as anotações que eles propiciam em

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas (PPGAS/UFAL).

pretextos para outra coisa” (Ingold: 2013, p.1; 2016, p.406). Juntar dessa forma texto e filme é um desafio.

O primeiro trabalho é assinado por sete pessoas, quatro pesquisadoras e três pesquisadores. Chama a atenção que as palavras citadas para introduzir a obra são de Robert Moses Pechman (1994), e se referem a algo que está posto sob as cidades e que se apresenta como um enigma a ser desvendado, guardado sob o óbvio. O trabalho não aprofunda, mas faz uma espécie de caracterização física do espaço da Praça Vidal de Negreiros - nome oficial do local chamado pelos moradores da cidade como Ponto de Cem Réis - e das pessoas que se apropriaram do lugar, como ambos formando uma espécie de paisagem. Ainda aborda superficialmente temas muito caros aos estudos etnográficos e da antropologia como a construção processual a partir das relações corpo e pessoa, corpo e espaço físico, corpo e cidade; memória coletiva; utilização de imagem e do som para os estudos das cidades e, por final, indica a produção de uma etnografia audiovisual.

O segundo trabalho é um texto individual e poderia ser apresentado como o início de uma auto etnografia. O autor transpassa a afeição pelo espaço da praça como um ambiente familiar e utiliza das histórias dos que ali convivem para desenhar aspectos gerais do lugar, especialmente a relação entre os comportamentos dos jovens da época em que ainda funcionava o Cine Eldorado e dos jovens seus contemporâneos. Relata uma produção filmica no local com a participação de seus interlocutores produzindo imagens. Os dois trabalhos dessa linha apresentam um aspecto semelhante que é o usual nome popular de espaços oficialmente nomeados de outra forma: “Ponto de Cem Réis” e “Praça da Gala”. Nomes que foram adquiridos pelo lugar por causa dos usos que proporcionavam.

A segunda seção é referente à linha Marcadores Sociais da Diferença e reúne três artigos: *Incursão etnográfica de perto e de dentro pelos causos e contos da vida urbana de Mamanguape (PB)*; *Uma doutora em campo e os desafios do fazer etnográfico em contexto de consumo de álcool, crack e outras drogas* e *A experiência dos telespectadores na frente do telejornal: etnografia e comunicação*. Os três apresentam contextos bem distintos e uma semelhança: a descrição da identificação do ponto específico de início da incursão em campo.

O primeiro trabalho é assinado por duas pesquisadoras, elas partem de uma rua marcada por antigas construções e pelo registro da passagem do imperador D. Pedro II para iniciar entrevistas e registros de imagens. A partir da aproximação com três pessoas, as autoras coletam dados sobre a história do lugar. Os relatos revivem um presente passado rodeado por impressões de comportamento, hábitos, interesses, como podem ser as micro-histórias (Bensa, 1998).

No segundo trabalho, a autora inicia com suas anotações do caderno de campo feitas na primeira incursão da pesquisa. Nesse momento é possível fazer a imersão junto com ela. A autora dá o tom das páginas seguintes e indica uma espécie de desbravamento que,

inicialmente, parece caminhar para uma tentativa de demonstrar o ato heroico do pesquisador que adentra de modo destemido por lugares inóspitos e é vitorioso. Sim, escrito aqui, propositadamente, no masculino, como o antropólogo herói clássico. Mas, no decorrer do trabalho, a autora, enquanto constrói a descrição dos lugares e das pessoas, narra a forma como a sua estada em campo passa por transformações quanto à escolha dos lugares e modos de estar lá. Como relatam as autoras Fleischer e Bonetti (2007), abrir mão da presunção de tudo saber e controlar no processo de pesquisa é perceber que “somos classificados, interpretados, avaliados, passíveis de sedução em campo e estamos, igualmente, expostos e vulneráveis” (2007, p.11).

A segunda linha se encerra com um trabalho em que o autor traça um paralelo entre estudos de recepção, pertinentes à Comunicação Social, e a Antropologia. A partir da aproximação pessoal com uma família que reside em um bairro periférico, consegue se inserir em outras duas residências. Para construção de suas próprias percepções, utiliza a percepção externada por membros das famílias a partir de um programa que alia violência ao contexto do comportamento de famílias.

A terceira linha, *Interações em Espaços Públicos*, é a que mais apresenta artigos, sete no total, marcados por aspectos como identidade de grupos, linguagem e espaços coletivos. O primeiro deles, *A margem da linha: viagens, usos e sentidos do trem da região metropolitana de João Pessoa (PB)*, é assinado por três pesquisadoras e três pesquisadores. Partindo da descrição da rotina de um usuário, traçam um perfil de quem são as pessoas que utilizam o sistema ferroviário, assim como a história e o desenvolvimento do próprio sistema. O grupo embarca na viagem, onde conhece, conversa e escuta os relatos transcritos e encadeados para demonstrar questões de diferenças sociais, além do entrelaçamento de meios urbano e rural que, de certo modo, é provocado pelo percurso do trem.

Dois autores assinam o segundo artigo, chamado: *A produção do espaço no Maior São João do Mundo*. Através de incursões e observações descrevem a organização espacial do lugar aliada à segregação social. O terceiro trabalho é assinado por uma pesquisadora e é intitulado: *Vestiu Jaqueta, é mototáxi: notas etnográficas sobre os mototaxistas de Campina Grande (PB)*. Da identificação de três categorias de trabalhadores: cadastrados pela prefeitura, prestadores de serviço de empresas particulares e clandestinos, a autora escolhe interagir com os cadastrados. A descrição da própria inserção em campo é utilizada para descrever também o local de centralização da pesquisa, considerando a identificação de 35 pontos possíveis. Um dado ressaltado é o da identidade, desenhada pela utilização dos coletes dos grupos dos mototaxistas, pela forma como se sentem estigmatizados e a intenção da liberdade proporcionada pelo trabalho. Outro aspecto de identidade abordado é o da linguagem própria desses trabalhadores. Para se comunicar, a autora se vê frente aos antigos pressupostos teóricos de ter que se sentir “um deles”.

Em *Consumo como experiência social: um estudo etnográfico sobre um coletivo juvenil e suas dinâmicas sem torno da cultura pop* a autora interliga argumentações dos entrevistados e os referenciais teóricos para adentrar na descrição de aspectos identitários e de significação de termos como pop, popular, cultura, híbrido, fandom e ainda encontra nas trocas de desenhos, entre os integrantes do grupo estudado, semelhança com o *Ensaio Sobre a Dádiva* de Marcel Mauss.

A autora de *Sobre o "beber, curtir e sair para pixar": sociabilidade e lazer na pixação em Recife (PE)* utiliza o que denomina como dispositivo metodológico ter sido parte de uma torcida organizada para se inserir na pelada dos pixadores e retratar os códigos de relacionamento com o ponto de encontro e com os grupos rivais, a música e formas de entretenimento das galeras, a circulação dos grupos. A observação participante permite a autora, não apenas entender os códigos ou assinaturas feitas pelos pixadores, mas perceber aspectos como a expressão íntima de criar a assinatura e a utilização dos caderninhos de registro como parte da construção da memória individual e coletiva.

Como não poderia faltar feira em um livro de etnografias urbanas, a terceira seção é finalizada com dois artigos: *Etnografia em uma feira livre: o cenário, o dia de feira, os personagens e a sociabilidade* e *Observações, conversações e experiências em meio à feira livre de Mamanguape (PB)*. O primeiro se passa na cidade de Itapororoca e é assinado individualmente por uma pesquisadora. A autora faz inserções no ambiente da feira e opta por fazer parte das entrevistas fora daquele ambiente. Ela também faz parte do coletivo, formado com mais três pesquisadores, que desenvolve o segundo trabalho. Nesse, o grupo interage com os feirantes no ambiente da feira, observando suas redes sociais. Um traço importante é que um dos pesquisadores é feirante naquele lugar, esse conhecimento prévio também é utilizado como um dispositivo metodológico. Conhecer o ambiente propicia a melhor entrada do grupo e receptividade por parte dos feirantes. A vida em uma feira é intensa em imagens, cores, sabores, cheiros e palavras, as percepções individuais desses aspectos são apontadas como a forma de construção dessa etnografia coletiva.

APONTAMENTOS

Pelo menos três aspectos gerais chamam a atenção nos trabalhos: há um esforço do grupo de pesquisa em produzir etnografias de modo coletivo, cinco trabalhos são desenvolvidos dessa forma; as chamadas caminhadas etnográficas colaboram com a intensidade dos trabalhos; a observação participante é método utilizado e apontado, mas aparece mais claramente nos autores que não a referenciam, "a observação participante não é, em absoluto, uma técnica à paisana para coleta de informações das pessoas, sob o pretexto de estar aprendendo com elas" (Ingold, 2016, p. 407). Por sua vez, os temas

desenvolvidos nos artigos apontam direções distintas, mas proximais: relação entre geração e interpretação do espaço físico; violência urbana e riscos nas pesquisas; construção de identidades coletivas e fabricação de memórias.

A violência é um dos assuntos que perpassa nove dos doze trabalhos apresentados pelos organizadores, seja de forma explícita, seja subentendida na forma de risco ou insegurança. São apontados: o abandono ou transformações nas dinâmicas urbanas; a repressão policial aos jovens; insegurança da população em utilizar equipamentos públicos; o discurso violento que deslegitima vendedor, consumidor e produtos. Em dois trabalhos as autoras apontam riscos em estar em campo por serem mulheres pesquisadoras, considerando que o risco é polissêmico, mas seu sentido lato é o da ameaça (Fleischer e Bonetti, 2007). Esse é um dos apontamentos que talvez possa ser melhor observado no âmbito das pesquisas urbanas do grupo: as questões de gênero que expõem riscos às mulheres, enquanto pesquisadoras e enquanto pesquisadas; a disseminação da violência como uma espécie de característica que interliga grupos e pessoas nos meios urbanos.

REFERÊNCIAS:

BENSA, Albán. “Da micro-história a uma antropologia crítica”. In: REVEL, Jacques (org). **Jogos de Escalas: A experiência da micro-análise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 39-76.

FLEISCHER, S. R.; BONETTI, A. Etnografia Arriscada: Dos limites entre vicissitudes e “riscos” no fazer etnográfico contemporâneo. **Teoria & Pesquisa**, v. 19, n. 1, p. 7-17, 2007.

INGOLD, Tim. Chega de Etnografia! A Educação pela Atenção como propósito da Antropologia. **Educação – revista quadrimestral**, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

_____, Antropologia Não é Etnografia. Tradução e revisão para a língua portuguesa brasileira feita por Caio Fernando Flores Coelho e Rodrigo Ciconet Dornelles, de acordo com texto original publicado em: INGOLD, Tim. Epilogue: “Anthropology is not Ethnography”. In: _____. **Being Alive**. Routledge: London and New York, 2013. pp. 229-243.

OLIVEIRA, Luciana Maria Ribeiro de; TELLA, Marco Aurélio Paz. **Etnografias Urbanas – espaço, imagem e diferença na cidade**. João Pessoa: Guetu, 2017.

PECHMAN, Robert Moses. **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

Recebido em 19 de novembro de 2018.
Aprovado em 10 de dezembro de 2018.